



ANÁLISE DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DINÂMICA DO EMPREGO NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO EM 2010 E 2023

Stefano Aleixo Parra¹
Anderson Luis Guirardi²

Resumo: O presente artigo analisa a reestruturação produtiva e a dinâmica do emprego na região Centro-Oeste do Brasil em 2010 e 2023, com base em indicadores regionais como Quociente Locacional, Coeficientes de Especialização, Redistribuição, Reestruturação e o modelo Shift-Share. Os resultados evidenciam mudanças significativas nos padrões de especialização e localização setorial, destacando o fortalecimento de atividades como a mineração, serviços industriais de utilidade pública e setores terciários, em contraponto à redução da relevância relativa da administração pública e da construção civil. Observou-se ainda forte redistribuição de empregos em setores estratégicos, como serviços e utilidades públicas, indicando expansão para além dos grandes centros urbanos. O Distrito Federal e Goiás apresentaram maior capacidade de adaptação estrutural, enquanto Mato Grosso e Mato Grosso do Sul mantiveram perfis produtivos mais estáticos, com baixa diversificação interna. A análise do modelo Shift-Share revelou que o desempenho do emprego na região foi impulsionado tanto por estruturas setoriais favoráveis quanto por vantagens competitivas locais específicas, embora persistam disparidades territoriais. Considera-se que a continuidade do processo de reestruturação produtiva dependerá de políticas integradas de desenvolvimento regional, inovação tecnológica, infraestrutura e qualificação da força de trabalho, de modo a potencializar a competitividade econômica e reduzir desigualdades intra-regionais.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva; desenvolvimento regional; emprego setorial; indicadores de especialização; shift-share.

ANALYSIS OF PRODUCTIVE RESTRUCTURING AND EMPLOYMENT DYNAMICS IN THE BRAZILIAN MIDWEST IN 2010 AND 2023

Abstract: This article analyzes productive restructuring and employment dynamics in the Midwest region of Brazil in 2010 and 2023, based on regional indicators such as the Locational Quotient, Specialization, Redistribution and Restructuring Coefficients and the Shift-Share model. The results show significant changes in the patterns of specialization and sectoral location, highlighting the strengthening of activities such as mining, public utility industrial services and tertiary sectors, as opposed to a reduction in the relative importance of public administration and civil construction. There was also a strong redistribution of jobs in strategic sectors such as services and public utilities, indicating expansion beyond the major urban centers. The Federal District and Goiás showed greater capacity for structural adaptation, while Mato Grosso and Mato Grosso do Sul maintained more static production profiles, with little internal diversification. Analysis of the Shift-Share model revealed that employment performance in the region was driven by both favorable sectoral structures and specific local competitive advantages, although territorial disparities persist. It is considered that the continuity of the productive restructuring process will depend on integrated policies for regional development, technological innovation, infrastructure and the qualification of the workforce, in order to boost economic competitiveness and reduce intra-regional inequalities.

Keywords: Productive restructuring; regional development; sectoral employment; specialization indicators; shift-share.

1 Introdução

Segundo Santos (1996), a reestruturação dos territórios no Brasil está intimamente associada à ampliação e à sofisticação do setor de serviços, que se consolida como elemento central

¹ Mestrando em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos - PPGDRS pela UEMS - Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul polo Ponta Porã-MS(2024 - 2026). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8851-6368>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5946822191057636>. E-mail: stefanoaleixoparra@gmail.com

² Doutorado em Agronegócio (UFGD). Professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2236-986X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2084694305069235>. E-mail: anderson.guirardi@ufms.br



na organização do espaço geográfico e no redesenho das funções produtivas regionais. Nesse caso, o setor de serviços não apenas acompanha as transformações econômicas em curso, mas torna-se determinante no processo de desenvolvimento regional, especialmente por sua crescente participação na ocupação da mão de obra e na geração de empregos qualificados. No caso da região Centro-Oeste, composta por Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, essa dinâmica evidencia uma mudança estrutural na base econômica regional, historicamente centrada no agronegócio e na administração pública.

A motivação deste trabalho surgiu das mudanças econômicas na região Centro-Oeste após 2010, levando à seguinte pergunta: como os setores de serviços influenciaram a localização e o desempenho do emprego entre 2010 e 2023?

A partir de 2010, a terceirização e a expansão dos serviços logísticos, financeiros, educacionais, de saúde e de tecnologia da informação reposicionaram o Centro-Oeste na economia nacional, indo além do agronegócio. Segundo Brandão (2013), a reconfiguração produtiva recente tem nos serviços especializados e na integração logística fatores-chave para o fortalecimento das economias regionais, especialmente em áreas historicamente periféricas como o Centro-Oeste. O Distrito Federal destaca-se como centro administrativo; Goiás, como polo logístico e universitário; Mato Grosso, pela ligação dos serviços ao agroexportador; e Mato Grosso do Sul, pela integração regional. Conforme Cezar (2014), o crescimento dos serviços especializados impulsiona a inovação e a integração regional. Behrendt (2010) reforça que setores como logísticos e tecnologia são fundamentais para o desenvolvimento regional estratégico.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a localização e o desempenho setorial do emprego na região Centro-Oeste do Brasil no período de 2010 a 2023. Essa análise será útil na identificação dos setores mais dinâmicos na geração de postos de trabalho e sua distribuição espacial nas quatro unidades federativas da região. Os resultados fornecerão subsídios empíricos para compreender os novos arranjos produtivos e o papel estruturante dos serviços no desenvolvimento regional centro-oestino.

Deve-se ressaltar que esta análise se apresenta como uma interpretação alternativa da dinâmica setorial do emprego na região, considerando a reorganização das atividades produtivas no espaço e sua influência sobre os padrões de especialização regional. Nesse sentido, as medidas de localização e especialização buscam revelar o grau de importância de cada setor e a diversidade produtiva dos estados frente à estrutura ocupacional da região Centro-Oeste.

A primeira seção do artigo apresenta os elementos teóricos e metodológicos utilizados na construção dos indicadores de análise regional. A segunda seção trata da análise dos resultados empíricos, evidenciando o padrão de localização, redistribuição, especialização e reestruturação do emprego entre os setores econômicos nas unidades federativas centro-oestino.



Complementando essa análise, a terceira seção trata da dinâmica diferencial-estrutural do emprego. Finalmente, a última seção apresenta os resultados gerais da pesquisa e discute a situação atual do setor de serviços no desenvolvimento regional da região Centro-Oeste no século XXI.

2 Referencial teórico

2.1 Arcabouço teórico e metodológico

Diniz (2012) chama a atenção para o fato de que a reconfiguração das economias regionais está relacionada a processos históricos e estruturais específicos, como a expansão da urbanização, a descentralização produtiva e a progressiva diversificação das atividades econômicas, com destaque para os serviços. Segundo o autor, o crescimento do setor de serviços nas regiões brasileiras está intimamente ligado à liberação de mão de obra do setor agropecuário, à reorganização das cadeias produtivas urbanas e à atração de novos investimentos, especialmente em regiões com infraestrutura em consolidação. No caso do Centro-Oeste, essas condições favoreceram a transformação do perfil produtivo regional nas últimas décadas.

Diferente de Diniz (2012), Cano (2017) desenvolve um modelo teórico voltado à articulação entre comércio interno, renda e integração regional, sustentando que, mesmo em contextos de dependência, o comércio intrarregional pode se tornar um dos principais vetores do desenvolvimento. Segundo o autor, regiões como o Centro-Oeste, ao intensificarem trocas comerciais internas e ampliarem sua infraestrutura logística, criam circuitos próprios de valorização, impulsionando o consumo e o investimento produtivo em setores como o comércio, os serviços de transporte e a construção civil. Para Cano, o desenvolvimento regional está diretamente associado à criação de sistemas territoriais autônomos de produção e consumo.

Ao contrário de Cano (2017), Araujo (2018) segue uma abordagem endógena, em que o desenvolvimento regional é concebido como resultado da ativação de capacidades locais, sobretudo por meio da geração de renda e da formação de mercados internos. Em contextos como o do Centro-Oeste, a mobilização de capital humano, a qualificação da força de trabalho e a ampliação do acesso aos serviços públicos e privados são vistas como elementos centrais para a superação da dependência externa. Assim, o crescimento regional não é apenas consequência da inserção em fluxos nacionais e globais, mas da reorganização interna de suas estruturas socioeconômicas.

É certo que o avanço do setor terciário faz parte de mudanças estruturais mais amplas nas economias regionais durante o processo de desenvolvimento. Estudos recentes de Lemos e Silva (2020), voltados à realidade do Centro-Oeste, demonstram que, no início do processo de desenvolvimento regional, a agropecuária e o extrativismo desempenham papel dominante, mas



perdem espaço progressivamente para os serviços urbanos e especializados, sobretudo em centros regionais com universidades, hospitais, mercados atacadistas e redes de transporte. Na maturidade do processo, a economia passa de um continuum rural-agrícola para um continuum urbano-logístico, sendo articulada com outras regiões por meio da infraestrutura rodoviária, digital e institucional.

Na análise da dinâmica regional, considera-se que a região Centro-Oeste constitui uma unidade geográfica marcada por singularidades em sua estrutura produtiva, padrões de consumo, distribuição da força de trabalho e elementos culturais e políticos. Para Oliveira et al. (2021), a identidade regional do Centro-Oeste é construída a partir de processos de ocupação territorial recentes, combinados com o protagonismo do agronegócio e a crescente importância dos serviços urbanos, especialmente nas capitais e cidades médias.

De acordo com Costa e Borges (2019), essas transformações impactam diretamente a estrutura espacial da produção e a organização do trabalho na região. Por isso, esta análise visa compreender, por meio de métodos de análise regional, o comportamento do emprego nos setores produtivos e suas mudanças ao longo do tempo e do espaço. Para isso, foram utilizados o modelo shift-share e medidas de localização e especialização setorial. A principal variável analisada foi o número de empregados, distribuídos regionalmente por setor econômico.

Parte-se do pressuposto de que os setores mais dinâmicos concentram maior geração de empregos ao longo do tempo. Isso se reflete diretamente na renda, no consumo e na estrutura socioeconômica da região. Logo, o aumento da ocupação regional e da massa salarial contribui para fortalecer o mercado interno e retroalimentar os processos de desenvolvimento.

Os dados sobre o número de empregados foram extraídos do banco da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Os setores foram agrupados da seguinte maneira: Extrativa Mineral; Indústria de Transformação; Serviços Industriais de Utilidade Pública; Construção Civil; Comércio; Serviços; Administração Pública; Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca. A construção civil e o comércio foram analisados separadamente dos setores secundário e terciário por sua relevância como grandes empregadores de mão de obra com baixa qualificação, uma característica marcante em diversas microrregiões do Centro-Oeste.

O período de análise compreende os anos de 2010 e 2023, permitindo acompanhar tendências recentes do mercado de trabalho e da reorganização produtiva. As medidas de especialização e de localização, aliadas ao modelo shift-share, possibilitam identificar os padrões de crescimento econômico na região Centro-Oeste e suas sub-regiões.

2.2 Medidas de especialização e localização

As medidas de localização (como o Quociente Locacional e o Coeficiente de Redistribuição) concentram-se na distribuição setorial do emprego entre as regiões, apontando tendências de concentração ou dispersão. Já as medidas de especialização (Coeficiente de Especialização e Coeficiente de Reestruturação) indicam o grau de diversificação produtiva e o reposicionamento econômico de cada estado.

Essas ferramentas são particularmente úteis para evitar distorções causadas pelas diferenças de tamanho entre as regiões. Ao utilizar valores relativos e pesos proporcionais, tais medidas tornam-se instrumentos confiáveis para a comparação de estruturas econômicas em unidades espaciais de diferentes dimensões, como é o caso do Distrito Federal, de Goiás, de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. No geral, essas análises permitem compreender a importância relativa de cada setor e sua evolução regional, oferecendo subsídios para estratégias mais eficazes de desenvolvimento territorial.

Para a estimativa das medidas, têm-se as seguintes equações:

$$\sum_{ij} = \text{Número de empregados no setor } i \text{ da região;} \quad (\text{I})$$

$$\sum_j E_{ij} = \text{Número de empregados no setor } i \text{ de todas as regiões;} \quad (\text{II})$$

$$\sum_i E_{ij} = \text{Número de empregados em todos os setores da região } j; \quad (\text{III})$$

$$\sum_i \sum_j E_{ij} = \text{Número de empregados em todos os setores e todas as regiões.} \quad (\text{IV})$$

A partir das equações (I, II, III e IV) organiza-se o Quadro 1, que sintetiza as medidas de localização/ especialização e seu padrão de análise.

Quadro 1 – Exibição do Padrão de Análise das Medidas de Localização e Especialização

Indicadores	Expressão matemática	Resultados discutidos
Quociente Locacional (QL)	$QL_{ij} = (E_{ij} / E_i) * (E / E_{ij})$	$QL \geq 1$ / Localização Relevante
		$0,50 \leq QL \leq 0,99$ / Localização moderada
		$QL \leq 0,49$ / Localização ruim
Coeficiente de Especialização (CE)	$CE_j = \sum_i (ie_j - ie)$	Próximo a 0 = Diversificação Relevante
		Próximo a 1 = Especialização Relevante



Coeficiente de Redistribuição (CR)	$CRI = \sum_j \frac{(jeit1 - jeit0)}{2}$	Próximo a 0 = redistribuição locacional não relevante Próximo a 1 = redistribuição locacional relevante
Coeficiente de Reestruturação (Cr)	$CRee = \sum_i \frac{(iej1 - iejt0)}{2}$	Próximo a 0 = Reestruturação não relevante Próximo a 1 = Reestruturação relevante

Fonte: Haddad (1989), adaptado pelos autores do trabalho.

O Quociente Locacional (QL) é utilizado para comparar a participação relativa de empregados em determinado setor entre as unidades federativas do Centro-Oeste, identificando quais atividades econômicas se destacam em termos de concentração de mão de obra dentro da própria região. Quando o valor do quociente é igual ou superior a 1, considera-se que aquela unidade federativa apresenta especialização naquele setor, em comparação as demais da região. Essa ferramenta permite observar o grau de concentração ou dispersão das atividades produtivas nos diferentes territórios centro-oestino.

Como o QL se baseia na proporção de empregados (E) por setor, ele fornece uma medida da importância relativa de cada atividade econômica dentro da estrutura regional, permitindo identificar tendências de especialização produtiva e organização territorial do emprego na região Centro-Oeste como um todo.

O Coeficiente de Especialização (Cesp) tem como finalidade medir o grau de diversidade da estrutura produtiva de cada unidade federativa em comparação com as demais da região. Quando o valor se aproxima de zero, significa que a composição setorial do emprego dessa unidade é similar à das demais do Centro-Oeste, indicando uma estrutura produtiva mais diversificada. Em contrapartida, coeficientes próximos de 1 apontam para uma elevada especialização, sugerindo que a distribuição dos empregos está concentrada em poucos setores específicos.

O Coeficiente de Redistribuição (CR) é utilizado para medir as mudanças na distribuição do emprego em determinado setor entre as unidades federativas da região, ao longo do tempo. Valores próximos de zero indicam que não ocorreram alterações significativas na localização do emprego setorial entre as unidades federativas, enquanto valores próximos de 1 sinalizam mudanças importantes, com deslocamentos de concentração de emprego de uma unidade federativa para outra.

Já o Coeficiente de Reestruturação (Cr) analisa as transformações na estrutura do emprego dentro de cada unidade federativa da região entre dois períodos distintos. Quando o valor é próximo de zero, entende-se que a composição setorial se manteve estável, sem grandes alterações



no perfil produtivo da unidade federativa. Em contrapartida, valores próximos de 1 indicam uma reconfiguração profunda, sinalizando mudanças estruturais significativas na economia local, com deslocamentos do emprego entre setores econômicos ao longo do tempo.

Essas medidas, aplicadas exclusivamente ao contexto do Centro-Oeste, permitem compreender as relações internas da região, identificando quais unidades federativas se destacam por determinadas atividades, quais estão se diversificando e como tem evoluído a distribuição do emprego e a especialização produtiva ao longo do tempo.

2.3 Modelo diferencial e estrutural ou shift-share

O modelo de análise diferencial-estrutural, ou shift-share, permite demonstrar o padrão de crescimento do emprego entre as unidades federativas do Centro-Oeste. Por meio dele, é possível analisar a variação e o deslocamento da força de trabalho entre os setores econômicos ao longo do tempo, identificando os efeitos locais e estruturais que explicam essa dinâmica.

Originalmente desenvolvido por Davis (1940) e adaptado para o contexto brasileiro por Haddad (1989), o modelo decompõe a variação total do emprego em componentes que refletem as influências da estrutura produtiva regional e das vantagens competitivas locais.

Com base na matriz de distribuição do número de empregados por setor nos estados do Centro-Oeste, obtém-se a seguinte equação geral:

$$VLT = Et2 - Et1$$

Onde:

VLT = Variação Líquida Total do Emprego;

E = Número de empregados por setor nos períodos analisados;

t1 e t2 = Períodos de comparação.

A VLT indica a diferença absoluta entre o número de empregados em dois períodos. Valores positivos indicam crescimento relativo do setor em relação à estrutura regional; valores negativos indicam perda relativa. A magnitude da VLT demonstra o peso do setor no crescimento regional.

A VLT é decomposta em duas parcelas: a Variação Líquida Diferencial (VLD), que expressa os efeitos locais ou endógenos, e a Variação Líquida Estrutural (VLE), que reflete os efeitos exógenos relacionados à composição setorial.

A VLD mensura o dinamismo específico de cada setor em um estado do Centro-Oeste, considerando que alguns setores crescem mais rápido localmente que a média regional. É calculada pela fórmula:

$$VLD = Et1 * (glocal - gsetorial)$$



Onde:

glocal = taxa de crescimento do setor no estado

gsetorial = taxa média de crescimento do setor na região Centro-Oeste

Valor positivo da VLD indica especialização e vantagem competitiva local do setor; valor negativo, dinamismo inferior à média regional.

A VLE capta o impacto da estrutura produtiva do estado, mostrando se o emprego está concentrado em setores dinâmicos da região. A fórmula é:

$$VLE = Et1 * (gsetorial - gtotal)$$

Onde:

gtotal = taxa de crescimento total do emprego na região Centro-Oeste

VLE positiva indica concentração em setores de alto dinamismo; VLE negativa sugere predominância de setores menos dinâmicos.

Dessa forma, o modelo shift-share, segundo Davis (1940) e adaptado por Haddad (1989), possibilita identificar os setores e estados do Centro-Oeste que contribuem para o crescimento por meio da estrutura econômica regional e das vantagens competitivas locais, oferecendo uma compreensão detalhada da dinâmica regional do emprego.

3 O padrão de localização do emprego nas unidades federativas do centro-oeste

A seguir, são apresentados os resultados obtidos com a aplicação da metodologia de análise regional, considerando a distribuição e o desempenho do emprego entre os setores econômicos nas unidades federativas de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

A Tabela 1 apresenta a evolução dos quocientes locacionais (QLs) para os setores econômicos no Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso entre 2010 e 2023, que revela tendências distintas de especialização do emprego, associadas a fatores estruturais, institucionais e territoriais.

Tabela 1 – Quociente Locacional (QL) por Estado e Setor Econômico no Centro-Oeste, entre 2010 a 2023.

	DF		MS		GO		MT	
Setores Econômicos	2010	2023	2010	2023	2010	2023	2010	2023
Extrativa mineral	1,3278	0,7524	0,7280	1,2052	0,9984	1,0011	0,5913	1,3085
Indústria da transformação	0,9896	1,0078	0,9705	1,0221	0,9855	1,0109	0,9660	1,0256
Serviços industriais de	0,9827	1,0130	0,6585	1,2578	0,6015	1,3008	0,8368	1,1231



	DF		MS		GO		MT	
utilidade pública								
Construção civil	1,1174	0,9113	1,0013	0,9989	1,0951	0,9281	0,9709	1,0219
Comércio	1,0936	0,9292	0,9600	1,0301	0,9838	1,0122	0,8965	1,0780
Serviços	0,8917	1,0817	0,7929	1,1563	0,7397	1,1964	0,7312	1,2028
Administração pública	1,5029	0,6202	1,1101	0,9168	1,3261	0,7537	0,8152	1,1395
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	1,1177	0,9111	0,9429	1,0430	0,9333	1,0503	0,8357	1,1239

Fonte: Os autores com base nos dados da RAIS.

No setor extrativa mineral, observou-se aumento dos QLs em Mato Grosso do Sul (de 0,72 para 1,20) e Mato Grosso (de 0,59 para 1,30), enquanto o Distrito Federal teve queda (de 1,32 para 0,75). Isso reflete a expansão desigual da mineração, impulsionada por demanda da construção civil, exportações e incentivos regionais (Silva; Parré, 2015; Pinheiro; Lima, 2011). Na indústria de transformação, o crescimento foi moderado em todas as unidades federativas — em Goiás, o QL passou de 0,98 para 1,01 — apoiado por cadeias agroindustriais e políticas de crédito, como o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste – FCO (Diniz; Crocco, 2008; Souza et al., 2017).

Os serviços industriais de utilidade pública também avançaram, com destaque para Goiás (0,60 para 1,30), graças a investimentos em infraestrutura energética e saneamento via PAC e concessões privadas (Brito; Perosa, 2018). Em contrapartida, a construção civil apresentou redução nos QLs, indicando finalização de grandes obras, mas mantendo relevância urbana (IBGE, 2022). Já o comércio mostrou aumento geral dos QLs, refletindo maior dinamismo urbano, urbanização e impacto de políticas de transferência de renda (Haddad, 2005).

O setor de serviços obteve forte elevação (ex.: Mato Grosso, de 0,73 para 1,20), apoiado pela expansão de atividades financeiras, saúde, educação e logística (Diniz; Crocco, 2008; Souza et al., 2017). Por outro lado, a administração pública perdeu peso relativo, especialmente no Distrito Federal (de 1,50 para 0,62), devido à modernização administrativa e contenção de contratações (Haddad, 2005).

A agropecuária manteve ou ampliou sua especialização, como em Mato Grosso (de 0,83 para 1,12), fortalecida pela expansão da fronteira agrícola e melhorias logísticas (Souza et al., 2017). Em síntese, as mudanças indicam diversificação econômica, com destaque para agroindústria, serviços e infraestrutura, enquanto setores tradicionais, como administração pública e construção civil, perderam relevância relativa. O avanço dessas tendências dependerá de políticas



regionais integradas, inovação e sustentabilidade.

Tabela 2 – Coeficiente de Especialização (Cesp) por setor econômico no Centro-Oeste, entre 2010 a 2023.

Setor econômico	Cesp
Extrativa mineral	0,217244178
Indústria da transformação	0,018955142
Serviços industriais de utilidade pública	0,197953286
Construção civil	0,052299191
Comércio	0,054459582
Serviços	0,181612868
Administração Pública	0,241775184
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	0,087239355

Fonte: Os autores com base nos dados da RAIS.

Os resultados apresentados na Tabela 2, apontam que a administração pública apresentou o maior Cesp (0,2418), revelando forte concentração, sobretudo no Distrito Federal, historicamente mais dependente desse setor. Em seguida, aparecem a extrativa mineral (0,2172) e os serviços industriais de utilidade pública (0,1980), setores que se expandiram principalmente em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde a presença de concessões mineraria e investimentos em infraestrutura energética se intensificaram. O setor de serviços, com Cesp de 0,1816, também apresentou certo grau de concentração, embora em tendência de maior disseminação na região.

Por outro lado, setores como a indústria da transformação (0,0190), comércio (0,0545) e construção civil (0,0523) exibiram os menores coeficientes, indicando uma distribuição mais homogênea entre os estados, provavelmente por se tratar de atividades com presença mais pulverizada nas economias locais. A agropecuária (0,0872), embora historicamente associada à região, mostrou-se relativamente equilibrada entre os estados, ainda que com certo peso em Mato Grosso.

Tabela 3 – Coeficiente de Redistribuição (CR) por setor econômico no Centro-Oeste, entre 2010 a 2023.

Setor econômico	Coeficiente Redistribuição
Extrativa mineral	0,574115972
Indústria da transformação	0,317165516
Serviços industriais de utilidade pública	0,675161802
Construção civil	0,199688971
Comércio	0,307570997



Serviços	0,642480968
Administração Pública	0,388791576
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	0,352455272

Fonte: Os autores com base nos dados da RAIS.

A maior redistribuição foi observada no setor de serviços industriais de utilidade pública CR (0,6752), refletindo investimentos pontuais em infraestrutura energética, água e esgoto em estados como Goiás e Mato Grosso do Sul. Em seguida, o setor de serviços (0,6425) também revelou intensa redistribuição, indicando que sua expansão não ficou restrita aos grandes centros urbanos e se espalhou para cidades médias da região.

A extrativa mineral (0,5741) também passou por expressiva realocação de empregos, com destaque para Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Outros setores com redistribuição moderada incluem administração pública (0,3888) e agropecuária (0,3525). Já os setores de indústria da transformação (0,3172), comércio (0,3076) e construção civil (0,1997) mantiveram suas localizações relativamente estáveis, o que sugere estruturas produtivas enraizadas ou de baixa mobilidade geográfica.

Tabela 4 – Coeficiente de Reestruturação (Cr) por setor econômico no Centro-Oeste, entre 2010 a 2023.

Unidades Federativas	Coeficiente Reestruturação
Distrito Federal	0,06803
Mato Grosso do Sul	0,01383
Goiás	0,0498262
Mato Grosso	0,02733

Fonte: Os autores com base nos dados da RAIS.

Entre as unidades federativas do Centro-Oeste, o Distrito Federal foi o que apresentou o maior grau de reestruturação (Cr = 0,0680), indicando uma leve transição em sua base produtiva, com redução do peso da administração pública e avanço de setores terciários mais dinâmicos. Goiás veio em seguida, com Cr = 0,0498, apontando também uma modesta diversificação do emprego. Já Mato Grosso (0,0273) e Mato Grosso do Sul (0,0138) apresentaram estruturas praticamente estáticas, o que sugere continuidade de perfis produtivos consolidados, com forte presença de atividades agroindustriais, extrativistas e logísticas, sem grandes deslocamentos.



Tabela 5 – Shift-Share no Centro-Oeste, entre 2010 a 2023.

Unidades Federativas	VLT	VLE - POij (ei-e)	VLD - POij0 (eij-ei)
Distrito Federal	956,30179	586,00168	370,3001
Mato Grosso do Sul	79,259058	119,27208	-40,01302
Goiás	335,55035	297,44452	38,10582
Mato Grosso	9,0123514	131,17217	-122,15982

Fonte: Os autores com base nos dados da RAIS.

O modelo shift-share permite decompor a variação total do emprego (VLT) em dois componentes: o efeito estrutural (VLE), que reflete o quanto a unidade federativa está inserida em setores dinâmicos; e o efeito diferencial (VLD), que mostra se a unidade federativa apresenta desempenho acima ou abaixo da média regional.

O Distrito Federal teve a maior variação líquida total de emprego (956,3), sustentada tanto por uma estrutura setorial favorável (586,0) quanto por vantagens competitivas locais (370,3). Isso sugere que o DF não apenas concentrou setores dinâmicos, como também os desenvolveu com desempenho acima da média regional, especialmente no setor de serviços.

Goiás registrou crescimento expressivo (VLT = 335,6), com destaque para a força da sua estrutura produtiva (297,4), embora o diferencial competitivo local tenha sido mais modesto (38,1). Isso aponta que o estado cresceu mais por estar inserido em setores com bom desempenho regional (como comércio e agroindústria) do que por apresentar vantagens específicas.

Por outro lado, Mato Grosso do Sul, embora conte com setores dinâmicos (VLE = 119,3), apresentou um efeito diferencial negativo (-40,0), indicando desempenho local inferior à média regional, possivelmente pela baixa diversificação interna e menor dinamismo setorial.

O caso mais crítico foi o de Mato Grosso, cuja variação líquida total foi praticamente nula (9,0). Apesar de apresentar uma estrutura produtiva favorável (VLE = 131,2), o estado teve um efeito diferencial fortemente negativo (-122,2), revelando que, mesmo estando inserido em setores com potencial de crescimento, não conseguiu traduzi-los em geração efetiva de empregos, o que pode estar relacionado a problemas de produtividade, tecnologia ou políticas públicas.

A análise dos quatro indicadores evidencia que a região Centro-Oeste passou por um processo de reestruturação econômica seletiva, com redistribuição setorial e territorial desigual. O setor de serviços desponta como eixo dinâmico da nova organização produtiva regional, especialmente nos centros urbanos de maior porte. O Distrito Federal e Goiás mostram maior capacidade de adaptação e aproveitamento das transformações, enquanto Mato Grosso e Mato Grosso do Sul mantêm estruturas mais rígidas, com crescimento dependente de cadeias tradicionais.



A continuidade dessas tendências dependerá da articulação entre investimentos públicos e privados, infraestrutura, inovação tecnológica e qualificação da força de trabalho, de modo a ampliar a competitividade regional e reduzir as desigualdades internas.

4 Considerações finais

A análise dos resultados evidencia que a reestruturação produtiva e a dinâmica do emprego no Centro-Oeste brasileiro entre 2010 e 2023 refletem um processo de transformação heterogêneo, marcado por mudanças significativas nos padrões de localização, especialização setorial e variação estrutural. O comportamento dos quocientes locacionais revela que setores historicamente dominantes, como a administração pública, perderam peso relativo na maioria dos estados, enquanto atividades ligadas à mineração, agroindústria e serviços se consolidaram como vetores de diversificação econômica.

Observa-se, por exemplo, que estados como Mato Grosso do Sul e Mato Grosso ampliaram significativamente sua especialização na extração mineral, em consonância com a intensificação da demanda por minerais estratégicos e com políticas de incentivos regionais. De forma similar, o setor de serviços industriais de utilidade pública se fortaleceu em todos os estados, beneficiando-se de investimentos em infraestrutura energética e saneamento básico, fatores decisivos para o suporte às cadeias produtivas e à melhoria da qualidade de vida urbana.

A indústria de transformação, embora tenha apresentado crescimento moderado, consolidou-se como pilar relevante para a expansão do emprego, especialmente em Goiás e Mato Grosso do Sul, apoiada por políticas de crédito, logística e incentivos fiscais que estimularam cadeias agroindustriais e de biocombustíveis. Já o setor de serviços, com destaque para intermediação financeira, saúde, educação e logística, se firmou como eixo estruturante do mercado de trabalho regional, refletindo o avanço da urbanização e da diversificação das atividades terciárias.

Por outro lado, o setor de construção civil mostrou retração na maioria dos estados, indicando o esgotamento de grandes projetos estruturantes e o impacto de ajustes fiscais e mudanças nos padrões de investimento público. A administração pública, historicamente responsável por absorver grande parte da força de trabalho, sofreu redução expressiva na sua especialização relativa, especialmente no Distrito Federal, evidenciando o esforço de modernização administrativa e de contenção de gastos.

Os coeficientes de localização e redistribuição apontam, ainda, uma dupla tendência: setores como serviços industriais de utilidade pública e extrativa mineral apresentaram alta redistribuição, sinalizando expansão geográfica para além dos polos tradicionais, enquanto



atividades como comércio, indústria da transformação e construção civil mantiveram padrão mais estável, indicando baixo dinamismo de realocação territorial.

A aplicação do modelo shift-share revelou que o Distrito Federal liderou a variação líquida total do emprego, sustentado por uma estrutura setorial favorável e por vantagens competitivas locais, sobretudo no setor de serviços. Goiás também apresentou resultados expressivos, embora com menor diferencial competitivo, enquanto Mato Grosso do Sul e Mato Grosso evidenciaram limitações para transformar potencial produtivo em geração efetiva de empregos, resultado de estruturas mais rígidas e menor diversificação interna.

Em síntese, os dados mostram que o Centro-Oeste caminha para uma configuração produtiva mais diversificada, com ênfase em cadeias agroindustriais, mineração, serviços de apoio técnico e infraestrutura. Entretanto, a persistência de assimetrias entre as unidades federativas evidencia a necessidade de políticas públicas articuladas que reforcem a integração regional, incentivem a inovação tecnológica e promovam a qualificação da força de trabalho. Somente assim será possível garantir maior competitividade econômica, sustentabilidade ambiental e redução das desigualdades socioespaciais no longo prazo, consolidando a região como um dos principais vetores de desenvolvimento do país.

3 Referências

- ARAUJO, R. C. Desenvolvimento regional e endogeneidade: uma abordagem crítica. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 12, n. 2, p. 77–95, 2018.
- BEHRENDT, H. **Economia dos serviços: dinâmicas e desafios regionais**. Rio de Janeiro: Editora Regional, 2010.
- BRANDÃO, C. A. Desenvolvimento regional no Brasil: a construção de uma nova abordagem. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 44, n. 3, 2013.
- BRITO, F. A.; PEROSA, B. M. O PAC e a infraestrutura regional. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, n. 51, p. 121–140, 2018.
- CANO, W. **Ensaio sobre desenvolvimento regional**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.
- CEZAR, S. M. **Reestruturação econômica e novos arranjos regionais no Brasil**. São Paulo: Editora Econômica, 2014.
- COSTA, M. T.; BORGES, J. R. Mudanças estruturais no mercado de trabalho regional: o caso do Centro-Oeste brasileiro. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 23, n. 2, p. 1–24, 2019.
- DAVIS, H. C. Regional economic analysis. **Canadian Journal of Economics and Political Science**, v. 6, n. 3, p. 388–400, 1940.
- DINIZ, C. C. Desenvolvimento regional: velha temática, novos desafios. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 43, n. 3, p. 565–592, 2012.
- DINIZ, C. C.; CROCCO, M. A. Reestruturação produtiva e espaço regional no Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 39, n. esp., p. 10–29, 2008.
- HADDAD, P. R. **Políticas regionais no Brasil: avaliação e perspectivas**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2005.
- HADDAD, P. R. **Desenvolvimento regional e economia regional: fundamentos, teoria e métodos de análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1989.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estatísticas**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2025.



LEMOS, J. S.; SILVA, E. C. Transformações espaciais e produtivas no Centro-Oeste: do campo à cidade. **Cadernos Metrópole**, v. 22, n. 47, p. 377–398, 2020.

OLIVEIRA, T. F. et al. Características socioeconômicas e identidade regional do Centro-Oeste brasileiro. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 14, n. 2, p. 104–122, 2021.

PINHEIRO, M. A.; LIMA, L. P. Política energética e reestruturação regional. **Revista Brasileira de Energia**, v. 20, n. 2, p. 81–96, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, E. L.; PARRÉ, J. L. A mineração no Brasil e sua dinâmica regional. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 23, n. 2, p. 276–298, 2015.

SOUZA, R. M. et al. Agricultura, agroindústria e logística no Centro-Oeste brasileiro. **Revista NERA**, v. 20, n. 42, p. 80–99, 2017.